

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1904

NUMERO 38



PAULO KRUGER

Morreu aquelle velhinho que governou durante annos e heroeico povo boer. Morreu, mas o seu nome ficou como um symbolo augusto de perseverança, de resignação e de valor. A Europa viu-o a governar os seus estados como um bom amigo e como um excellente paiz, como um patriarcha de velha tribo a viver com os seus kinsmen e com os seus gados n'uma época em que o caçador espreita o lugar que pode assaltar.

O mundo viu-o tambem a percorrer a Europa, como umromeiro e como um altivo poltro, de cabeça levantada, a passar sob arcos triumphaes com os albos raios d'agua a encobrirem as sup-

plizas e as chéves, viu-o passar querido e amado, mas sem que as nações lhe estendessem a mão apesar de o cobrirem de flores. Kruger nasceu em Haxtenburgo (colonia do Cabo) em 1825. Era filho d'um remeido de origem hollandesa. Em 1852 ajudou a fundar a república do Transvaal, da qual foi primeiro presidente em 1860 e successivamente até 1898. Morreu como um soberano desiludido ao abrigo d'uma nação amiga e o seu corpo irá para a sombra das arvores de Pretoria, como na esperança de que as suas vizias façam brotar da terra novas legiões.

CHRONICA

Conto oriental

Era uma vez certo kalifa que vestia d'ouro e brocado, andava reluzente como um astro e tinha uns filhinhos que eram a luz dos seus olhos. Quando estava para morrer chamou o seu mordomo e falou-lhe d'esta sorte:

—Eu tenho por ahí provincias e escravos, grandezas e maravilhas, mas tenho tambem este campo tão cultivado e tão lindo que não ha uma nesga que não dê pão. Repara bem que é este o meu maior thesouro, porque os outros estão muito explorados e só teem apparencia. E' para o futuro dos pequenos... E' o grande thesouro do kalifado...

Encomendou-se a Allah o a Mafoma, embrulhou-se no albornoz branco de neve e foi-se a morrer aos poucos.

O mordomo olhou o campo e olhou os pequenitos, começou a sentir-se invadido por grande voluptuosidade, entrou a fumar o opio e a adormecer nos braços das odaliscas, a viver n'um exlasi e como um Salomão a gastar á larga.

O campo lá estava sempre verde e sempre cultivado como por encanto, a render dinheiro que elle gastava e sem que dos outros bens lhe viesse um só maravedi. Então, n'um desejo louco de espantar os povos, deu festas, fez barulhos, enchen de baldes a venda e começou a descurar os tutelados, filhos do kalifa, que andavam rolinhos e a comerem com os mastins.

Certo dia, um seu antigo amigo procurou-o de olho á mira, vestido de sedas e todo em saudações, aceitou a taça de Chypre generoso e lauro que elle lhe offerencia e, após umas phrases curtas, disse-lhe:

—Está ali, amigo, esse campo lindo, todo verde e todo cultivado que pouco te rende ao que vejo, porque os filhos do kalifa vivem mal e parecem mendigos...

—Não, amigo, voltou o outro erguendo-se no coehim, rende e bem, mas são muitos os gastos...

Então, em voz mansa e doce, n'um cantico de se-reia, elle tornou:

—Não te queres cansar, estás fatigado e vives como n'um sonho de justo e de bom, decerto em preces a Allah... Mas eu quero vê-te regalado e feliz e vou alugar-te o campo...

Com ares generosos de desinteresse e como um príncipe offereceu-lhe uma quantia grossa e declarou que assim o livrava de cuidados. Seria cultivado o campo do mesmo modo sem que elle tivesse de se atarrancar ao seu sonho, de ir pelas chuvas ou pelas soalheiras lançar a sua vista d'olhos ás searas. O dinheiro entrava em abundancia e elle podia continuar a beber o seu vinho e a fumar o seu opio. Aceitou logo e o outro entrou de revolver a terra



ESTAÇÕES DE VERÃO: CINTRA—ENTRADA PRINCIPAL DO PALACIO DE MONSERRATE



ESTAÇÕES DE VERÃO: CINTRA—A GALERIA INTERIOR DO PALACIO DE MONSERRATE

O mordomo embatucou, viu que o outro lhe enchia a mesa com as moodas d'ouro do novo aluguer, que fazia montes e sorriu docemente a flear por tudo para d'ahi a um minuto lhe cahir nos braços. Depois recolheu-se ao coehim a chupar o seu opio pelo tubo do narghilé de pura porcelana.

E os pequenos andavam cada vez mais rotos e mais miseraveis, além em face da terra verdejante que encobria pipas de ouro.

Vae morta a estação, Lisboa emigra. Não ha assumpto de chronica e só está na discussão a questão dos tabacos, os quaes, segundo se diz, o governo cederá de novo á Companhia que até agora os tem explorado, e sem os pôr a concurso, o que seria vantagem para a nação. Por isso passo as noites n'um canto do Suizo a ouvir coisas orientales para regalo dos leitores e que o conselheiro X me conta na sua voz macia e ironica além á luz clara, muito amolentado, tomando laranjadas...

ROCHA MARTINS.



ESTAÇÕES DE VERÃO: CINTRA—A ENTRADA DO LADO NORTE DO PALACIO DE MONSERRATE

a lembrar-se de que o kalifa dissera ser aquillo um precioso thesouro; começou a cavar, a remexer seu esforço e encontrou uma panela cheia d'ouro; dias depois topou outra, d'ahi a tempos outra e levou-as para casa, dando graças a Mafoma e á sua esperleza.

Entretanto o mordomo passava a vida mais de-regrada, bebia mais vinho e fumava mais opio, ria e folgava, foi a Meca e assombrou pela magnificencia das suas vestes, do seu sequito, das suas altmarias. Os pequenitos andavam cada vez mais rotos, mais desesperados, mas soffriam com paciencia.

O outro vinha de vez em quando tentador como um demonio, sorria, inquiria das suas necessidades e como lhe visse a face murcha deixava-lhe uma bolsa atafalhada das ricas peças d'ouro achadas no campo verdejante. Assim se passaram muitas luas, assim foram a decorrer os tempos e cada vez eram maiores as sommas que o amigo lhe trazia e cada vez eram maiores as difficuldades e tambem mais numerosas as panelas encontradas e a miseria dos filhos do kalifa.

Chegou então ao fim o prazo do aluguer e o mordomo recebeu a visita do outro que lhe disse:

—Isto vae acabar e eu quero de novo ser o locatario da terra...

Pareceu acordar do seu sonho e, limpando os labios a um lenço de seda, retorquiu:

—Impossivel, devo dar contas... Talvez haja gente que me dê mais... Os rapazes vão a crescer...

O outro sorriu, piscou o olho e disse-lhe por sua vez:

—Amigo, tanto lhe tenho emprestado que é quasi minha a terra... Deixe-me pois flear sem rival, amigavelmente, sem chicanas e sem fallacias...



ESTAÇÕES DE VERÃO: CINTRA—VISTA DO LAGO DO PALACIO DE MONSERRATE



•
O JAPÃO PITTORESCO—(Segundo desenhos japoneses)

DE PALANQUIM—UM IMPERADOR D'OUTROS TEMPOS—UM PASSEIO DE CARRÓ EM TOKIO—O ALDEÃO JAPONÊS—O CHÁ DA TARDE—O TRAPEIRO—BRINQUEDOS INFANTIS

Nunca se destruiu aquelle pittoresco Japão que Loti pintou no seu livro *Madame Chrysothème*, cheio de coisas exóticas e positivas, pois de leada, de mysterio e de bizarrerias orientaes, desde que os seus cambões lançaram um alarme no mundo e que as suas esquadras travaram batalhas gloriosas. No entanto a terra é a mesma e se a modificação se fez por um esforço pontual de vontade aliás bem arraigada os hábitos antigos ou pelo menos os costumes nacionaes.

Tudo o japonês tem duas maneiras de ser, duas existencias: inteiramente diferentes, uma para o exterior com os trajes europeus e a civilização importada, a outra toda interna, tida do lar em que se usa o *kimono*, a larga veste tão artistica, e se adunam os filhos nas roupas nacionaes, nas tradições que não querem deixar esquecer. E assim que o japonês tem a sua habitação em parte mobilada à europea, em parte toda cheia d'esse mysterio que vem na *Madame Chrysothème*, e é assim que o

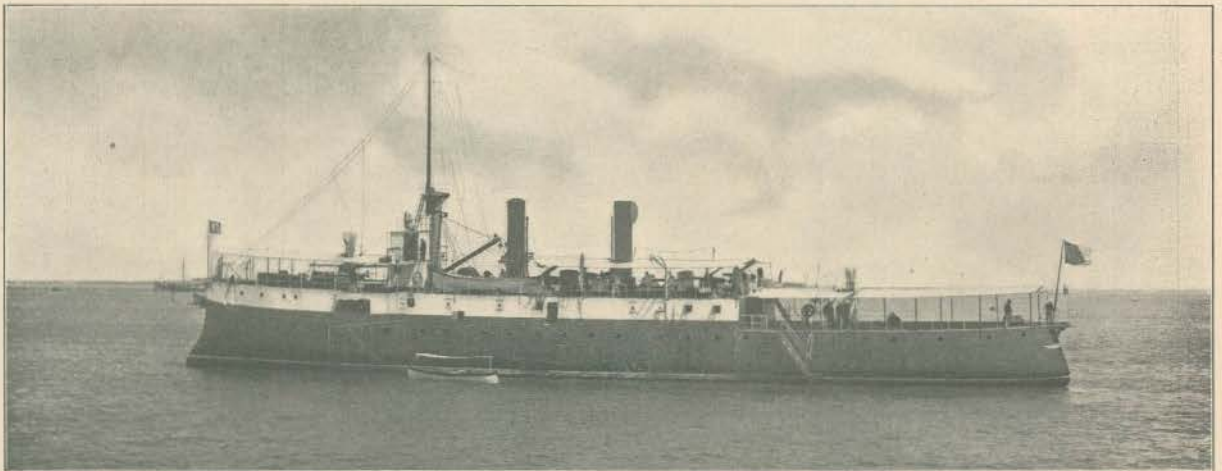
aldeão ainda vive bem rusticamente e conservando mais do que nenhuma outra classe os hábitos e que as crenças são crudas segundas as leis dos seus maiores até uma certa idade, chegando-se por fim aos estudos e ao progresso obrigada. É parco que *Fukus rotos d'Jap*, o deus da felicidade, se vai protegendo a essa duplicidade por um lado cheia de coisas praticas e por outro cheia d'um encanto que não é igualado por mais nenhum povo.



AS FESTAS DO ESPIRITO SANTO EM ALDEGALLEGA
UM PEDITÓRIO NA PRAÇA DE TOUROS—O ARRAIAL—UMA PEGA

A igreja do Espírito Santo é um templo vasto e elegante, que foi construído em 1634. Tem uma bellissima capella mor e ficava centro do povoado.
A festa agora realhada foi brilhante, devendo enfeitadora com o seu arraial, onde, n'um coreto em forma de nau, tocou a philarmunia da terra; Arrou-se uma *hermosa*, houve tonrada e grande numero de forasteiros concorreram á bellissima povoação. Durante tres dias estiveram as

rues engalanhadas, as musicas andaram tocando a porta dos festeiros e no meio d'uma alegria es-treanteante realhou-se a pirocissão. No bello templo houve communião ás crianças que, com os seus vizinhos, brancos, pequenitas tiradas vindas dos casales ao lado de crianças erradas no acolhe-go dos lares, se uniam á luz doce do sol quando sahiam do templo, radiantes e sorridentes.



A CANHONEIRA «PATRIA»

Ussou ao estado de armamento e vas em viagem ao Brazil a canhoneira *Patria*. É' uma viagem toda de agradecimento áquelles que fizeram nas Terras de Santa Cruz a subscrição para dotar a nossa marinha de guerra com mais esse bello navio. Foi n'um grave periodo para a neutralidade portugueza que os nossos irmãos d'alem mar quiseram mostrar quanto se recordavam da nação da qual vivem longe, mas onde tiveram borce. *Patria* se chamou, pois, a esse navio, que foi feito no nosso Arsenal e cuja lanção se realizou em 26 de Junho de 1903.
A 28 de dezembro do mesmo anno foi entregue ao governo pela commissão executiva, estando presentes os ays. visconde de Sande, secretario da commissão, e Manuel Maria do Valle, um dos

maiores subscriptores. Foi entregue o commando da canhoneira ao sr. capitão-tenente Antonio Alfredo da Silva Ribeiro.
A *Patria* é' um bello barco de 66 metros de comprimento, com uma poderosa artilheria e uma velocidade de 15 milhas e meia.

A viagem da canhoneira ao Brazil é' uma divida de gratidão que se cumpre e é' ao mesmo tempo uma saudação aos nossos compatriotas residentes n'essa nação e á terra brasileira á qual estamos ligados por tradições d'affecção e de sympathia.



O MANDARIM PEI-CHING-FU

O governo do Celeste Imperio reclama a extradição d'este celebre mandarim, que a imprensa de Cantão e Hong-Kong accusa de varios atrociosos e abusos de poder. Ao que consta, Pei-Ching-Fu, sendo governador de Nam-Hoi, mandou matar mais de 6000 pessoas, muitas das quaes eram innocentes, por um processo de suplicio da sua invenção e que é d'um verdadeiro requizete de crueldade.

Consta o aparelho de morte d'uma caixa circular onde existe um braco para o pescoço do prisioneiro, algumas taboas são collocadas sob os pés da victima, sendo tiradas pouco a pouco, até que o condemnado fica suspenso pelo pescoço, soffrendo horriveis tratos.

O vice-rei de Quang-Tung, a cuja jurisdicção pertence o districto, levantou uma syndacancia, porém o mandarim não foi perdo de 50 contos a seu pai residente em Pakin, a vêr se podiam alforjar na corte o processo a transferirem o vice-rei. Nada se conseguiu, porém, e este puz-se em fuga para Macao, onde foi preso a pedido do vice-rei do Cantão e encerrado na fortaleza de S. Paulo do Monte onde aguarda o resultado das negociações entre o nosso governo e o da China para a sua extradição.



GENERAL COSTA MONTINHO

É o novo commandante da 2.ª brigada de infantaria e succede n'esse commando ao sr. general Vivaldo, tão desastrosamente morto.

O general José Augusto da Costa Montinho commandou o regimento d'infantaria 7 e era actualmente o chefe da 10.ª brigada d'infantaria aquartelada em Leiria.

É general desde 29 de janeiro de 1903 e na sua carreira militar conta actos verdadeiramente superiores, que lhe valeram o grande officiato de S. Bento de Aviz e a medalha de prata de comportamento exemplar.

Occupado agora o lugar do chefe da 2.ª brigada, o sr. general Costa Montinho ha de continuar a mostrar o seu altissimo valor e as suas brilhantes qualidades de chefe disciplinador e justo, sempre respeitado e querido por aquelles que estão sob as suas ordens e pelos seus camaradas que muito o admiram.



OS OFFICIAES DA CANNONEIRA «PATRIA»

ARRABÃO ALBERTO GAMBIA LEITÃO, MACHINISTA NAVAL—SEBASTIÃO TEIXEIRA LEITE DASIS LOBO—PEDRO MARIA PACHECO CONSELHEIRO, MACHINISTA NAVAL—COMANDANTE ESTEVO ALFREDO DA SILVA BERRIO, CAPTÃO TEIXEIRA—CORDE DE ARSENIO (JOÃO), SEBASTIÃO TEIXEIRA—JOÃO AGUIAR BARBOSA, MACHINISTA NAVAL—ERNESTO GABRES DE LEUCASTRE, SEBASTIÃO TEIXEIRA—ARMANDO HENRIQUE DA SILVA CORREIA, SEBASTIÃO TEIXEIRA

ESTAÇÕES DE VERÃO

A villa de Cintra

Cintra é um vergel florido, é um trecho paradisíaco e cheio de fontes que murmuram, d'árvores verdejantes que dão sombras, de recantos idyllicos que atraem, a viver sob o tecto azul do céu; é como uma odaliska branca de Japo n'um leito de verduras a mostrar encantos sem par, sempre exposta e sempre virgem, deificada por colossos hitos e exirranhos, pois assim parecem essas penedias escarpadas que lá do alto vigiam as tarasas esmeraldinas e a villa acocada n'um bando dulcissimo de luz. É como uma terra de sonho e por sonhadores feita, onde ha como uma eterna musica de alarões n'uma vaguidão extrema, a surdinar, onde ha como uma saudade perenne a viver e como uma oração a prodiga natureza a snbir para o céu, enviada pelo canho das aves, pelo gorgolejar manso dos riachos, pelo



A VIVENDA DO SE. BIESTER NA ESTRADA DA PENA

ramalhar suave dos arvoredos, pela bendita serenidade da aragon e pela apothose soborba do sol que a dorma e amadurece os fructos pelos pomares com beijos quentes e ao mesmo tempo caridosos, que mancha as campinas e faz scintillar os telhados da casaria e que á hora do seu declinar ainda envia lá do oceano charões purpureos que são como canções de sangue chorados pelo astro ao deixar a villa linda onde a moirama dominou e deixou rastro.

A sua historia é grande e cheia de poesia, encerra feitos epicos e trechos de suavidade, guarda notas ardentes e becados não ternamente calmos que as recordações d'ellos parecem vir aos labios filtradas pelo coração.

Quando o verão chega e as arvores florescem, quando entram a voejar as crias novas, enchem-se de ruidos as ruas da villa, ha como um despertar e como um alerta, espantam-se os tapetes dos hotéis, apparecem caras escañoadas de criados, abrem-se os palacios, e como as



A FAHIDA DA MISSA NA VILLA DE CINTRA



O TERRAÇO DO PALACIO DE MONSERRATE



A PONTE LEVADICA NA PENA

arvores reverdecem, bandos de noivões vão arrulhar coisas idyllicas para as vivendas discretas, na docura d'aquelle ar, na claridade mansa d'aquelle luz.

Cintra por este mez enchem-se de visitantes: já se

vêm os ranchos á tardinha depois do *tenis* a passo lento, rindo, de vestes claras, já por Seteas, onde a natureza é luxuriante, se vêm pares conversando até que o dia se esvae, já apparecem caras vermelloças de inglezes e as bolas se encontram com ruido nos bilhares á luz macia e branca do bico *Appar*.

E nas noites, todas de serenidade e de paz, ouvem-se valses baídas em pianos caros, entretêm-se pares que voltam por detraz dos cortinados de rendas, enquanto algum rouxinol mais saudoso, ainda pela noite, se atreve a cantar. É esta a Cintra historica por cujas viellas e por cujos barrancos passaram reis com gente de falcaria, onde D. Sebastião senhou a gloria e

planeou Alcaçor Kibir, onde D. Manuel gosou a ventura, e onde D. João I disse a sua phrase honesta: *Foi por bem*, e onde, n'uma sala do paço, a nobreza dorosino tem as suas armas como n'um grande nobiliario onde se lêem os heralmos e as manchas mostram vultas festos.

É a mesma Cintra que hoje se alarga e tem electricos, gaz e hotéis, que se modernizou e appareceu como uma sultana de belleza divina, ataviada em vestidos do nosso tempo, mais grave e levemente picante, mais affeita ao contacto com as turbas, vivendo da recordação dos seus maiores, mas ligando-se estreitamente com o progresso que a suflita o a impõe, conservando as suas naturas bellezas, mas engrinaldando-as com as novas maravilhas.

A villa tem hoje bairros novos, estendeu-se, tomou como um grande alento, e a par dos seus vestidos palacios tem casinhas encantadoras, villas cujos telhados vermelhos surgem por entre a folhagem e cujas fachadas claras se mostram como n'um resurgimento.

D. Pedro V. e sua esposa, essa torna mulher que foi



CORREDOR DA SALA PARA A CAPELLA NA PENA

a rainha D. Estephania, fundaram a villa que tem o nome da soberana e que hoje se estadem ao sol, gloriosa e bella nos torrenes onde apenas havia matiaças extensas.

E passando pelas ruas, na andada lenta d'uma carrim-puz, vê-se o paço real com as suas janellas arabes e com as suas chaminés eguase a cones colossas, o paço que tem pontos de contacto com a maravillosa Alhambra e que foi dando um bons tempos de epopos a D. Henrique Manuel, conde de Cua e de Cintra, por D. João I. Mas o conde foi trodo e destai, fign-se a gente de Castella que snffo assolava o reino e logo veiu de novo para a corôa esse palacio que guarda dolorosas e tambem alegres recordações, que tem em si a agonia de Affonso VI e o riso folto de João I, que tem a Sala dos Cysnes, rememorando as aves brancas de arminho que Carlos V—o grande imperador—mãndon a seu genro D. Manuel e a sala das Pégas nas quaes D. João I quiz symbolisar as donas da corte que repefiam escar-



O LOCAL ONDE ESTÁ O CORAÇÃO DE D. JOÃO DE CASTRO EM PENHA VERDE



A ESCADA PRINCIPAL NO PALÁCIO DE MONSERRATE

ainhamente entre risadas a sua phrase *Foi por bem*, dita ao bejar certa dona do sequito da rainha. E n'esse paço ha mil maravilhas como essa sala dos banhos e como essa cozinha cujas chaminés dominam a villa, como esse patio e esse jardim todo de alfombras e de encantos.

Encontram-se os *Pisões* na entrada que vae para Colares e cujo nome vem d'uns moinhos que existiram n'esse alto amonto e do delitosa frescura, encontra-se o palacio de Sotões entre os Pisões e a Pena Verde de gloriosa e tambem de desgraçada memoria, os Sotões onde rapazes e raparigas iam njar para ouvirem o oceco que sete vezes lhes repetia os gritos. Um ingles chamado Gildmestre aformoseou o logar e mais tarde o quinto marquez de Marialva o comprou e n'elle vivou nos tempos em que D. Maria I se entregava á meditacão no paço real, onde ainda hoje S. M. a rainha senhora D. Maria Pia passa parte da estacão calmosa.

Beckford, esse inguez espirituoso e millionario, homem de gosto e desventurado, narra na sua correspondencia scenas deveras pittorescas acontecidas por esse tempo com o arcebispo de Thesalonica e com esse mesmo marquez de Marialva que comprou Sotões e o qual era tão grande senhor que D. José, referindo-se-lhe, dizia muitas vezes a Pombal: — Marquez, tens toda a nobreza do meu reino, mas nem tanto o Marialva!

A esse palacio de Sotões foram soberanos assistir a festas magnificas e a ainda hoje lá se vê um triumphal arco de marmore branco onde se solemnisa a visita de D. Carlota Joaquina e D. João VI áquelle local. Deixa-se assim o baixio da villa, galga-se a estrada toda em *sig-caps*, olhando sempre as maravilhas, os campos verdes, a encaria nova, os comboios que apitam e voam rapidos deixando um novello de fumo por sobre as campinas ricas de cor n'esse magnifico dia de sol, e assim se vae a caminho da Pena por entre os colossos de pedra que são como os guardões da odaliscia, que se estende, a mostrar belezas, n'um leito esmeralдино do rovelado.

Nos alcantis dos montes o palacio real da Pena com os seus torções e as suas portas vetustas e rondilhadas, traz-nos á memoria o rei e o senhor D. Fernando que o reedificou e com o seu enorme gosto artistico lhe deu belezas sem par. São os parques largos e as escadarias brancas, são as ruas e os portões, são as grandezas



UM GRUPO DE VERANEADORES NA PENA

e os trechos de suavidade que o rei artista creou ahí pelo anno de 1848.

Aquelle palacio era uma triste ermida na *Cruz Alta*, ermida isolada e toda de fé que D. Manuel visitava a miudo e d'onde ia ver as uans da India abarrotadas d'ouro. Mais tarde o fanthoso monarcha mandou que Boutaca, o architecto do convento de Belem, fizesse d'ali um mosteiro dedicado á Senhora da Pena e foi d'esse mosteiro que se ergueu o bello paço d'estylo mourisco de cujas varandas se contempla a vista no panorama mais lindo que é dado seaharse.

São os campos sem fim e o oceano ao longo, os casalejos e os pinhaes, uma vegetação luxuriante, a Cintra, a doce Cintra, e a em baixo dobrada de luz

magnificante.

E lá n'um topo ha o Castello dos Mouros, com a sua cisterna e as suas ameias dentadas, logar onde o pendão do Islam flueitou ao vento nas epochas da conquista e onde os emires tostados commandavam hostes e faziam planos contra os christãos que lhes cubloavam as vidas, os amores e as fazendas.

Como uma nota moderna no esplendor archaico do sitio, o chalet da sr.^a condessa d'Edla, revestido de cortiça e de hera, é como uma casinha toda de bom estar



MEHENDANDO NOS SETEAES

onde os passaros pelas tardes vão lancar os seus gorgeios entre os fetos magnificos que se erguem a pontos passos da vivenda.

Cintra tem ainda milhares de maravilhas, porque em cada recanto se encontra alguma coisa de novo, porque sob os nossos pés, lá nas collinas, nasceem os arroyos e os pedregulhos tomam feições esphingicas, porque a vegetação alastra e farta de verdura os logares escarpados, e porque se caminha do surpresa em surpresa por essa estradinha encarcacolada que nos traz do novo

á villa ao entardecer, quando os ranchos commecam a apparecer.

Na retina ficam-nos, com o deslumbramento da belleza panoramica gosada lá do alto, o esplendor das joias da capella da Pena entrevistas na luz mansa coada pelos vitraes, ficam-nos a riqueza das lojeas e dos crystaes da galeria, o rendilhado das arcarias, dos porticos, dos varandins, o aprumo garboso dos lanceiros que ladeam a portaria e em baixo, por esta epocha em que SS. MM. residem no palacio da Pena.

Desce-se, vem-se de novo á villa e um ponco adiante do hotel Victor está a quinta onde Saldanha, o heroe, se recolheu out'ora como um guerreiro desilindido a tratar de



SALA PARTICULAR DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA NA PENA

lavouras. E em frente da habitação modesta, a meio do jardim, ergue-se o obelisco encimado pela figura da Esperanca e onde o cabo de guerra, talvez n'uma hora de desespero e descrença na politica, mandou esculpir as seguintes palavras:

«O amor de Deus, do qual nasce o amor da familia, do qual deriva o amor da patria, é só o que pode assegurar-nos a felicidade na terra e a bemaventurança no ceu. O marchal duque de Saldanha em 1870.»

Os ranchos seguem, seolhoras com *rapinetes* e em vestos claros sorriem, grisalham as parolhas puxando carros que vão de batida, homens de panamas e calças arregaçadas passam apumados e criancinhas louras correm por uma alameda toda verde, onde *missas*, de livros no regaço e olhos no chão, meditam.

Dos hotéis vem o tilintar de louças, perpassam vultos nas janellas, os burriqueiros correm atraz dos gericos que conduzem gente para a Pena, no largo ha pessoas paradas pelas portas das lojas, aquella hora em que a luz vae a decahir, e nas janellas da cadeia apparecem braços deitando castinhos na esperanca d'escolas.

Cintra commeca então a sua vida d'intimidade nas salas e nos Pisões, na frescura dos jardins e no romanso das avenidas, na alegria das *soirées* animadas e na volta do *peixe frito* onde a banda regimental tocará pela noite. São sempre trems e mais trems que passam do corrido e ficam no largo da estacão onde as vendeadoras assaltam os lisboetas que regressam após um passeio encantador por uma tarde lindissima em que a villa se glorifica sob a doçura do seu ar e do magnifico cœu, a estender-se na sua voluptuosidade d'adaliscia branca de jaspes n'um leito de verdura.

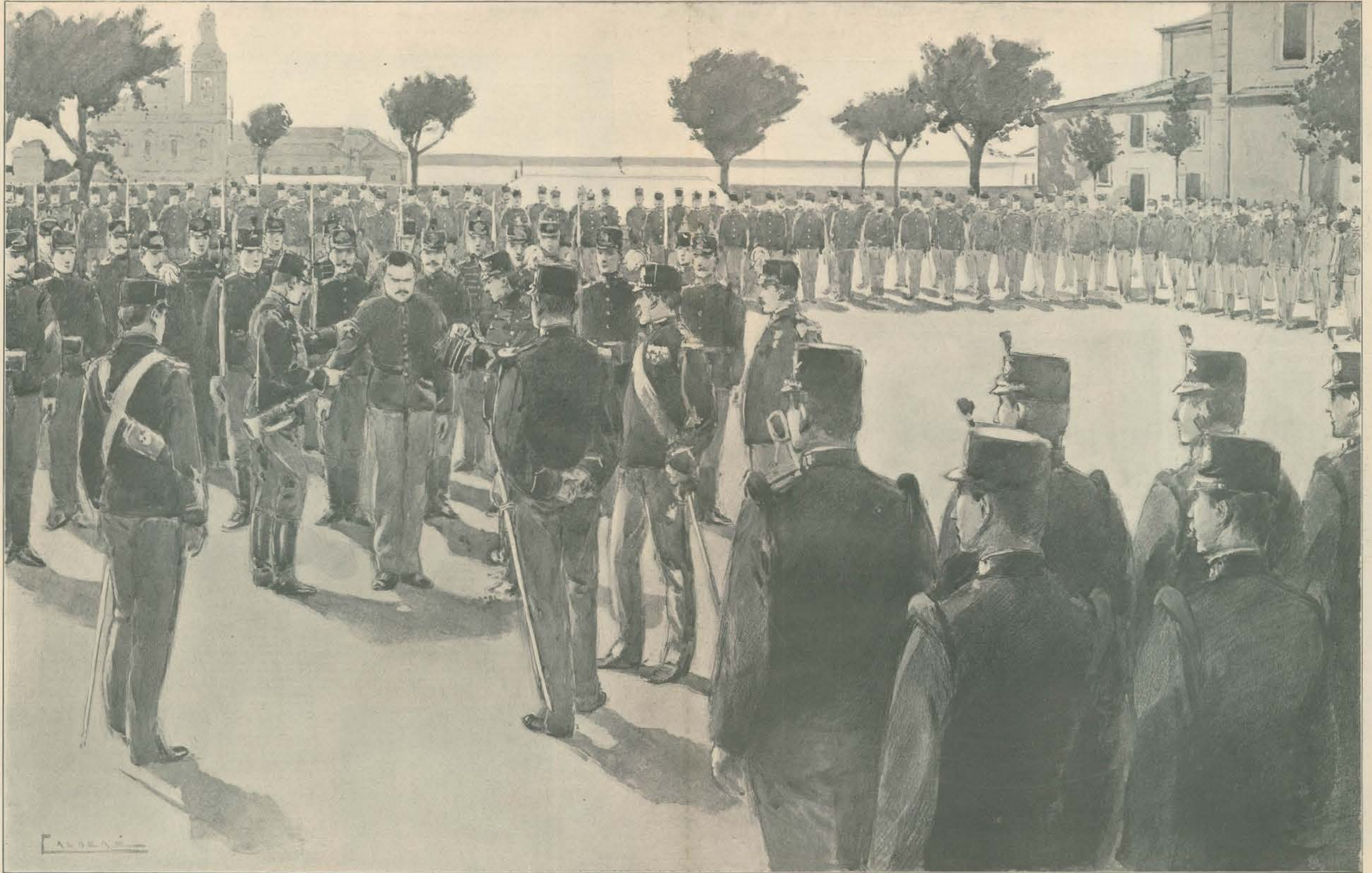
Lembra-nos ainda Monserrate que por si só merece um artigo, esse Monserrate que tem tanto de maravilhoso como se fosse um palacio encantado no meio do jardim de fadas.

Mas é a hora, salta-se da carrinhola, ainda um olhar: vae partir o comboio que fumeja e apita. Regressa-se, volta-se á cidade com uma saudade vaga que parece d'oucano, suave e dolorosa, benta e dulcissima o tambem carregado de queijadas da Sapa, frescas e minusculas nas suas couchas broves, saborosas, quentes, louras e... carnis.

BERNARDO JACOME



PATIO DE ENTRADA DO CONVENTO DOS CAPUCHOS NA SEIRA



A EXAUCTORAÇÃO DO EX-CABO 115 DA GUARDA MUNICIPAL QUE ASSASSINOU DOIS OFFICIAES

Foi ao romper d'alva, em silencio, sem um rufo de tambor, sem o alarido das cornetas, que os regimentos saíram dos quartéis e se dirigiram ao Castello de S. Jorge. Começava a clarear, a cidade despertava e em pouco o Tejo que se avistava da parreira da Praça Nova estava sereno, quando, pela bella aurora do dia de verão, os contingentes, de grande uniforme e desarmados, formaram em quadrado. Estavam representados todos os corpos da guarnição e mesmo a guarda municipal, que não costuma assistir a estes actos. O sr. general da divisão recebeu a sentença da mão do

sr. promotor de justiça e, a um traço rapido, escreveu: *Cumpre-se*. O preso saiu do calabouço e vem em passos vacillantes para o meio do quadrado. Ha como uma grande commoção em todos os assistentes e o choro de balizo, mas, ruzo, os raios da cidade a despertar, saltaram de carroças, vozes meio apazadas. No quadrado estão os srs. major Cabreira, que commanda as forças, capitão João Paris, promotor de justiça, capitão Carlos, adjunto à primeira divisão militar, alferes Bruno, que deve ler a sentença.

O réu treme, empalidece, e a hora da suprema punição fica voltado para os officios e a voz do sr. major Cabreira são:—*Dois passos em frente! Marcha!*
O 115 avança a esboçar. Hei lá um grande silencio. Começa a leitura da sentença e o sol vai a romper. Um frêmito passa por sobre aquella gente, se aproximam os dois tambores, um dos quaes tira o bonnet ao réu, que estremece violentamente. Arrancam-lhe então os uniformes da gola, os botões, por fim as dividas. E o sr. Cabreira commanda de novo:—*Quadrado! Meia volta, volver!*

O movimento é rapido, sem de costas voltadas para o criminoso e começa a marcha. Já vai alto o sol, o ex-cabo está occidido banhado em lagrimas no meio da parreira e os tambores rufam desesperadamente como a rematar um agonis despiro, como a um funeral. Chegam então as autoridades civis que levam o exauctorado para o Limoeiro e as forças recolhem aos quartéis, lendo-se em todos os rostos uma commoção enorme.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O ATAQUE DOS CONTRA-TORPEDEIROS RUSSOS DE VLADIVOSTOK

Desde que o almirante Rozhkov tomou o commando d'uma divisão da esquadra de Vladivostok, tem-se feito sortidas singulares no intuito de unir essa divisão á esquadra de Porto Artur, o que seria um bom interessante movimento todo de vantagem para os russos.

A legação japonesa em Londres recebeu noticias de que os contra-torpedeiros russos tinham partido de noite ao encontro dos navios japoneses e que Togo se recusara a aceitar um combate no mar alto.

Forem a esquadra do almirante japonês Kamisura encontrando os barcos foi alcançada por

elles e resolveu-se a travar a lucta, que durou até ao amanhecer de 2 de julho, retirando por fim os russos quasi sem perdas ao verem que não podiam transportar as distancias e ficando avariado um navio japonês.

Espera-se que dentro em pouco Rozhkov, que é osado e começa a ser temido, faça uma nova sortida para a qual sem duvida os japoneses se preparam, talvez buscando levar a effecto um lance sangrento como o que victimou o celebre almirante Makarov.

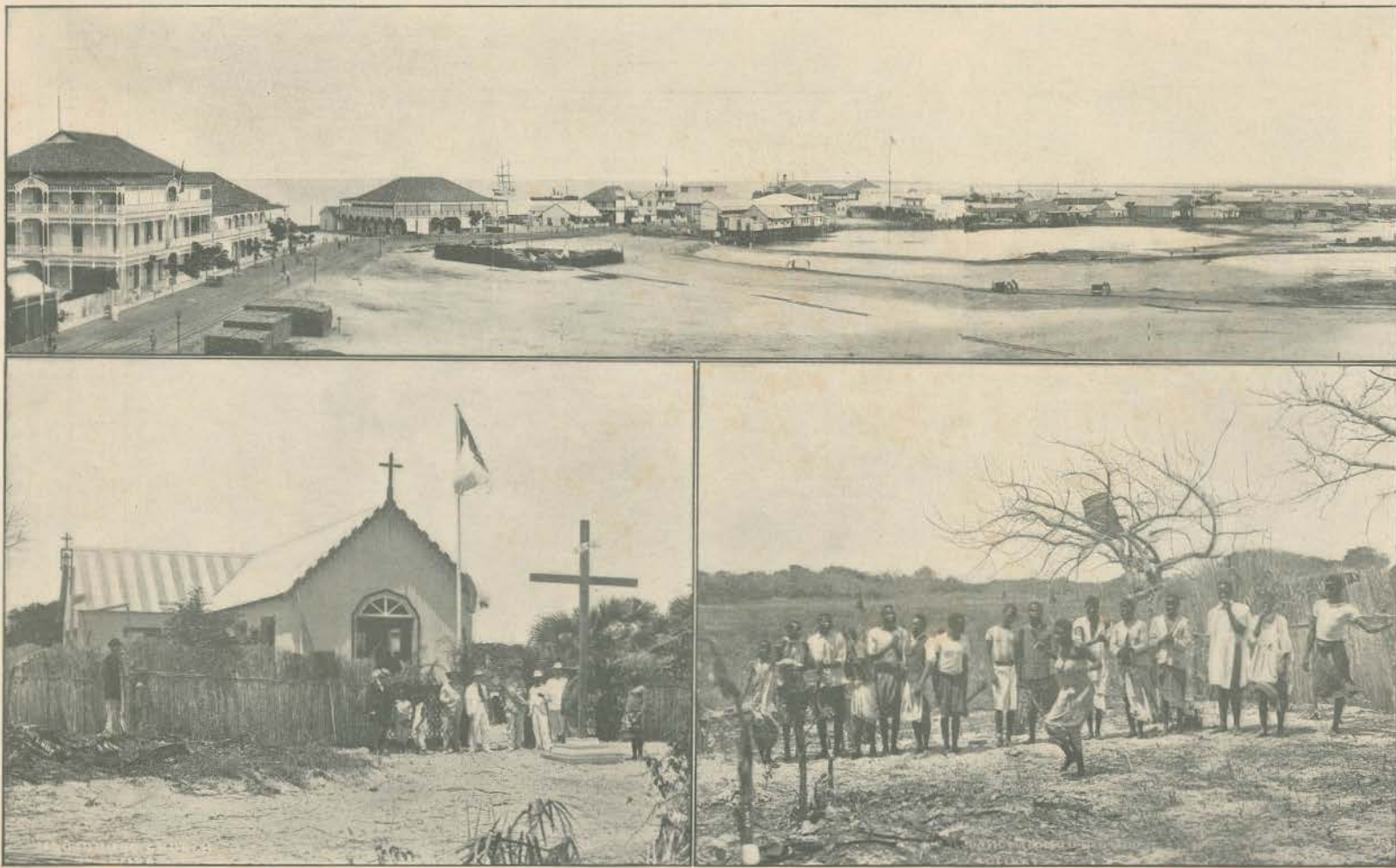


A TRASLADAÇÃO DO CORPO DE CARLOS FRANCO, MORTO PELA POLÍCIA NOS CONFLITOS DE 1890

Quando se deram os grandes tumultos, por ocasião do ultimatum, um rapaz foi morto na rua da Esperança pelas balas da polícia. Chamava-se Carlos Franco (o Paredal) e durante algum tempo os jornais falaram da vítima que fôra sepultada no jazigo do sr. Guilherme Raymundo. Mais tarde, precisando este cavalheiro do jazigo para ali receber o cadáver d'uma pessoa de família, o corpo do malogrado moço-gasou para uma divisa do cemitério municipal ao mesmo tempo que alguns trabalhadores, por iniciativa do sr. Luiz de Judicibus, se constituíram em comissão para angariarem donativos por subscripção publica a fim de se erguer um mausoléu onde repositasse a vítima

da polícia. Foi o que se fez e no dia 14 de julho trasladou-se o cadáver para esse simples jazigo, fazendo alguns companheiros do desditoso rapaz, e o sr. Luiz de Judicibus, que recordou as scenas d'então, a' este tempo em que novas violencias tem sido praticadas pela policia.

O pai do operario que pagou com a vida a sua dedicacão á causa da patria esteve no cemitério chorando com movimento e agradecendo aquelles que d'uma maneira brilhante sobberam levantar a cabo a sua obra de saudade e de protesto.



AS COLONIAS PORTUGUEZAS: A BEIRA
VISTA GERAL DA BEIRA—EGREJA DO MOTUNDO—INDIGENAS DO MOTUNDO

A Beira fica na provincia de Moçambique e ainda em 1901 era como um deserto onde havia sobre a restinga d'areia uma arizaga de commando militar, meia dúzia de palhoças e algumas casas de negociantes moçambicos e portugueses. Esta na vizinhança dos terrenos auríferos e é um porto de primeira ordem. A Companhia de Moçambique começou a fazer lentamente o seu desenvolvimento e dentro em pouco

a engenharia portugueza lá construiu o caminho de ferro de Beira a Manhiça, riquíssima região de ouro. Dessevolvem-se pouco a pouco o lugar, começaram a formar-se companhias exploradoras e diversos melhoramentos: se fizeram muros d'esses capitães; assim se installou a electricidade, se arranjaram caminhos de ferro, docas, alfândegas, ruas que são ladeadas por predios magnificos e tudo lá bellissimos es-

tabelecimentos, tornando-se a cidade n'um grande centro commercial, para o que muito contribuiu o seu porto magnifico e a vizinhança dos terrenos auríferos para os quaes lá caminhos de ferro. Macaquece, que é a capital do distrito de Manhiça, vai tambem a tomar um grande incremento bem como toda a região de Moçambique já muito equipazada de modelares colonias inglezas.



OS TUMULTOS ENTRE AS KABYLAS MARROQUINAS (Segundo apontamentos)

Marrócos é ainda um exemplo de barbaria, tem um regime de tempos passados e vive ali a dois passos da Europa, perto das aguas azues do M. Sierriano, conservando os usos e as praticas dos seculos em que os arabes dominaram na peninsula. Apenas mudaram os processos, já não fazem a conquista, mas executam a *razzia* sobretudo as kabyilas do interior, como as de Benihas e Garcia, que as lan-

em incia. Após a questão Perdicaris, a Europa voltou de novo se suas attentões para Marrócos, e só a custo o Sultão pôde manter a paz nos seus estados, tolo alarmo dos pelas diferentes tribas que por vezes se declararam em guerra, como outr'ora as seahoras feutas, lavand'no mutunamento os domínios.
A kabyila de Garcia estou no terreno dos Benihas e trouxe uma grand

porção de gado, que foi levado, após um formidavel combata, no meio das mais rai-
doas manifestações d'alegria da parte dos vencedores. Quizeram tambem assaltar a
propriedade d'um subdito lizianco, porém o governador Mohamed Torres ordenou
que cincoenta askaris fossem guardar a vivenda, e fu de evitar viros assallos que
põem muito em risco a integridade de Marrócos.

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Dentro em pouco deu um salto pavoroso no meio de nós com um grito de guerra. Tempo, oito minutos, quarenta e um segundos. Vencera. Tinha os osses inteiros. Perdi a partida. Reflecti. E disse para comigo: — o homem está cansado, e pode ser que lhe dê alguma vertigem. Vou arriscar outro dollar com elle.

Partiu novamente. Deu outra vez a volta. Escorregou na lisa cobertura de marmore, e tivo-o quasi agarrado. Mas uma fenda maldita salvou-o. Elle outra vez comnosco — são e salvo. Tempo oito minutos, quarenta e seis segundos.

Disse a Dan: — Empréstame um dollar — vou apostar ainda.

Cada vez peor. Ganhou outra vez. Tempo, oito minutos. Então perdi a paciência. Estava desesperado. Já me não importava o dinheiro. E disse: — Filho do Propheta, dou-te com dollars se saltares esta pyramide com a cabeça para deante. Se não te apraz a proposta, dize-lá quanto queres. Não se me dá da despesa. Ficarei aqui a arriscar dinheiro enquanto Dan tiver um centesimo.

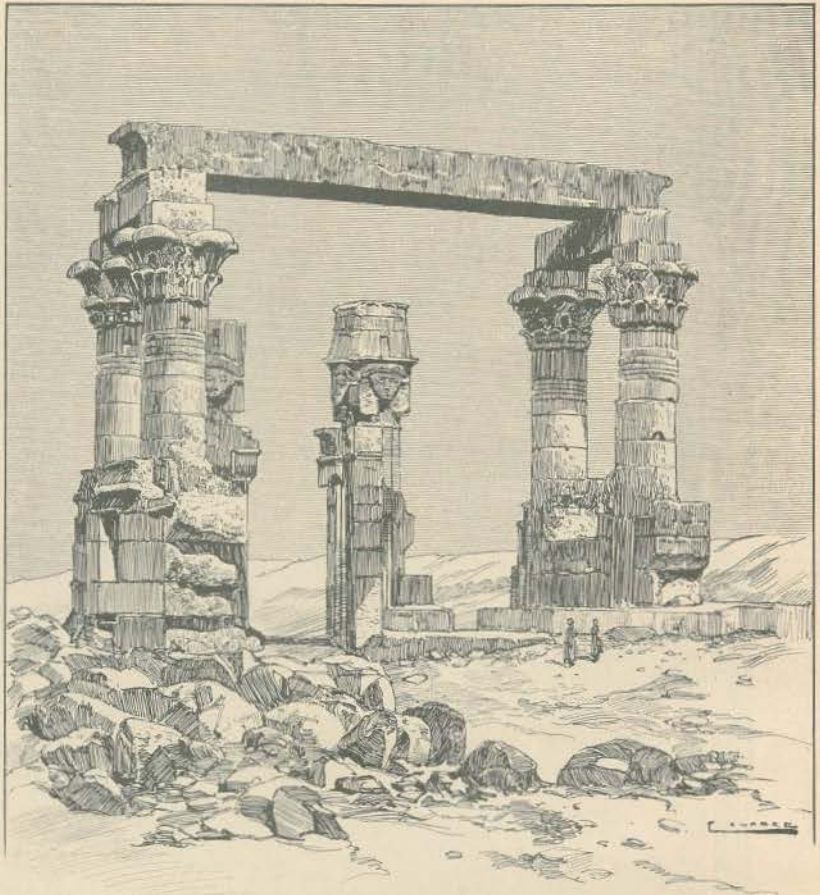
Fu já agora em bom caminho para ganhar, porque a occasião era tentadora para um arabe. Elle pensou um momento, e teria annuido, creio eu, se não fosse chegar então sua mãe, que interveiu no caso. Moveram-me as suas lagrimas — nunca posso ver chorar uma mulher indifferentemente — e disse que lhe daria com para ella tambem saltar.

Não quizeram. Os arabes são tidos em muito grande conta no Egypto. Dão-se ares improprios do semelhantes selvagens.

Desceamos muito encalmados e aborrecidos. O drogman accendeu velas, e todos nós entrámos por um buraco proximo da base da pyramide, acompanhados por uma canalha de arabes descriptos, que, sem os termos chamado, nos offereceram os seus servicos. Passaram-nos para cima por um longo plano inclinado, e pingaram-nos todos do gordura das velas. Esse plano era duas vezes tão largo e tão alto como o tronco de uma mulher da moda, e tinha paredes, tecto e o pavimento todo coberto de solidos ceptos de granito egypcio, da largura de um guarda-roupa, duas vezes tão fundo e tres vezes tão comprido. Cuidel estar proximo do cimo da pyramide outra vez, o que iríamos ter á «camara da rainha» e pouco depois á «camara do rei.» Estes grandes repartimentos eram tumulos. Os muros tinham sido edificados com pedras monstruosas de granito, bellamente unidas. Algumas d'ellas tinham as mesmas divisões que uma sala de visitas ordinaria. No centro da «camara do rei» havia um grande sarcophago de pedra semelhante a uma tina. Em torno se reuniu um pittoresco grupo de arabes selvagens e de emporelhados e rasgados peregrinos, que sustinham as suas velas altas na obscuridade: enquanto palravam, e os clarões oscilantes da luz espalhavam uma fraca claridade sobre um dos inconfinitos curiosos de lombraças, que estava batendo no sarcophago vomerando com o seu impio martello.

Sahimos atenciosos para o ar livre e a luz do dia, e por espaço de trinta minutos affluíram em torno de nós arabes esfarrapados, nos puros, ás duzias, e demos-lhes esportula por servicos que elles juraram e provaram com o testemunho uns dos outros que tinham feito, embora não fossemos prevenidos de semelhante coisa, e como cada qual d'esse grupo estava pago, debandaram para o ceo do cortejo, e a seu tempo apresentaram-se novamente com uma conta falsa, fabricada all mesmo para se liquidar.

Tomámos o *tanché* á sombra da pyramide, no meio d'essa intrusa e desagradavel companhia, e depois Dan, João e eu fomos dar um passeio. Um *couxame* ululante de indigenas — corrou-nos — quasi que nos decapitou.



KARTAR

Estava com elles um sheik, de fluctuante albornoz branco, e um vistoso turbante. Queria mais dinheiro. Adoptou, porém, um novo codigo. Eram milhões a título de protecção ou defeza, mas nem um centesimo como esportula. Perguntei-lhe se podia fazer que os outros se retirassem, no caso de eu lhe pagar. Disse que sim — por dez francos. Aceiteámos o contracto e dissemos-lhe: — Agora, persuadi os vossos vassallos a afastarem-se.

O sheik voltou o seu comprido bastão por cima da cabeça, e tres arabes morreram o pé. Saltava por entre a multidão como um doido. Os seus golpes desabavam como granizo, e onde um cahia, um subito ia por terra. Foi-nos preciso acudir, e dizer que só era necessario fazer-lhes algum mal, mas não matalos. — Em dois minu-

tos ficámos sós com o sheik, e assim permanecemos. As faculdades persuasivas d'esse rude selvagem eram notaveis.

Cada lado da pyramide de Cheops mede mais de setecentos pés. Tem quasi mais setenta e sete pés de altura do que a cruz do topo da igreja de S. Pedro de Roma. A primeira vez que desci o Mississippi, cuidei que o cabeço mais elevado que se avista do rio entre S. Luiz e Nova Orleans — proximo de Selma, Missouri — era provavelmente a montanha mais alta do mundo. Pois tem apenas quatrocentos e treze pés de alto. Ainda ainda minha memoria com a mesma grandeza. Posso ainda vêr as arvores e os arbustos tornarem-se cada vez menores, á medida que os seguia com o olhar ao alto, até se converterem n'uma plumagem no distante cume. Esta symetrica pyramide de Cheops — esta solidissima montanha de pedra construida pelas mãos pacificas dos homens — este tumulo formidavel de um monarca esquivado — torna-a á minha querida montanha. Porque ella tem só quatrocentos e oitenta pés de altura. Em annos ainda mais remotos do que aquelles á que me referi, o monte de Holliday, na nossa cidade, era para mim a obra mais completa de Deus. Parecia-me que furava os céos. Tinha quasi trezentos pés de altura. N'esse tempo ponderei muito o assumpto, mas nunca pude entender porque é que jámais envolvia o seu cume com constantes nuvens e coroava a sua frente majestosa de nevas eternas. Tinha ouvido que era esse o costume das grandes montanhas em outras partes do mundo. Recordo-me de como havia trabalhado com outro rapaz, em tardes de folga, roubadas no estudo, e pagas com acoutes, para excavar e hiar do seu logar um enorme pedregulho que estava á beira do cimo d'aquelle monte; lembro-me como, n'um sabbado á tarde, levámos tres horas de trabalho honrado n'essa tarefa, e vimos por fim já proxima a nossa recompensa; lembro-me como nos sentámos e enxugámos o suor, e esperámos que se desviasse um rancho que lá em baixo fazia um pic-nic — e soltámos então o pedregulho. Foi esplendido. Relou com estrepito pelo monte abaixo, despedaçando renovaes, cortando os arbustos como herva, lacerando, esmagando e destruindo tudo o que encontrava no caminho — escavacou e espalhou uma rama de achas de madeira que estava no sopé do monte, e depois deu um salto



MAHARAKKA

para cima de uma carroça que estava na estrada — o negro relanceou os olhos e resmungou — e logo em seguida reduziu a um picado miudíssimo as travessas da loja de um tanoeiro, e os tanoeiros sahiram da loja como um enxame. Dissemos então que aquillo era magnifico, e fomos-nos retirando, porque os tanoeiros vinham pelo monte acima para se informarem do que havia.

Contudo, esse monte, não obstante ser prodigioso, nada era em comparação da pyramide de Cheops. E não pude estabelecer nenhuma comparação, que proporcionasse ao meu espirito uma comprehensão satisfactoria da grandeza de um montão de pedras monstruosas, que cobrisse treços acres do terreno, e se elevasse quatrocentos e oitenta pés; e por isso deixei a pyramide e caminhei para a esphinge.

Depois de ter esperado annos, ei-la, finalmente, diante de mim. O amplo rosto tão triste, tão serio, tão resignado e paciente, tinha no aspecto uma dignidade, que não é da terra, e em seu semblante uma benignidade que nunca mostrou qualquer cousa humana. Com ser de pedra, parecia sensível. E, se jámais alguma imagem de pedra pensou, foi ella. Estava olhando para a orla da paisagem, sem contanto reparar em cousa nenhuma — nada, a não ser a distancia e o vazio. Olhava por cima e para além do quanto ahí ha no presente, olhava para muito longe no passado. Contemplava o oceano de tempo — linhas de ondas de seculos que, estando muito ao longe, se uniam cada vez mais, e se confundiam n'uma corrente unida, lá para o horizonte da remota antiguidade. Estava meditando nas guerras dos tempos que já se foram; nos imperios que vin alçar-se e cair; nas nações, cujo barto tinha visto, cujos progressos observara, e a cuja destruição tinha assistido; na alegria e na tristeza, na vida e na morte, na grandeza e decadencia de cinco mil annos que volveram lentamente. Era o typo de um attributo do homem — de uma facilidade do seu coração e do seu cerebro. Era a MEMORIA — a RESTRICÇÃO — feitas de um modo visível, tangível. Todos os que sabem que linguagom tem as recordações dos dias acabados, e dos rostos que desapareceram — comquanto fossem apenas decorridos uns vinte annos — apreciaram algum tanto a linguagom d'esses olhos graves, que se voltam com tanta segurança para as cousas que elles conheceram antes de haver nascido a historia — antes de existir a tradição — cousas que foram e figuras que se moveram n'uma era vaga de que até a poesia e o romance mal tiveram noticia — a passaram uma a uma, e deixaram só a sonhadora de pedra no meio de um novo tempo extranho e de scenas incomprehendidas.

E' grandiosa a esphinge na sua solidão; e impoñe na sua magnitude; causa impressão no mysterio que envolve a sua historia. E na sombria majestade d'essa figura de pedra, com a sua memoria despertadora dos feitos de todos os seculos, ha o que quer que seja que nos revela alguma cousa do que sentiremos por fim, quando nos acharmos na terrível presença de Deus.

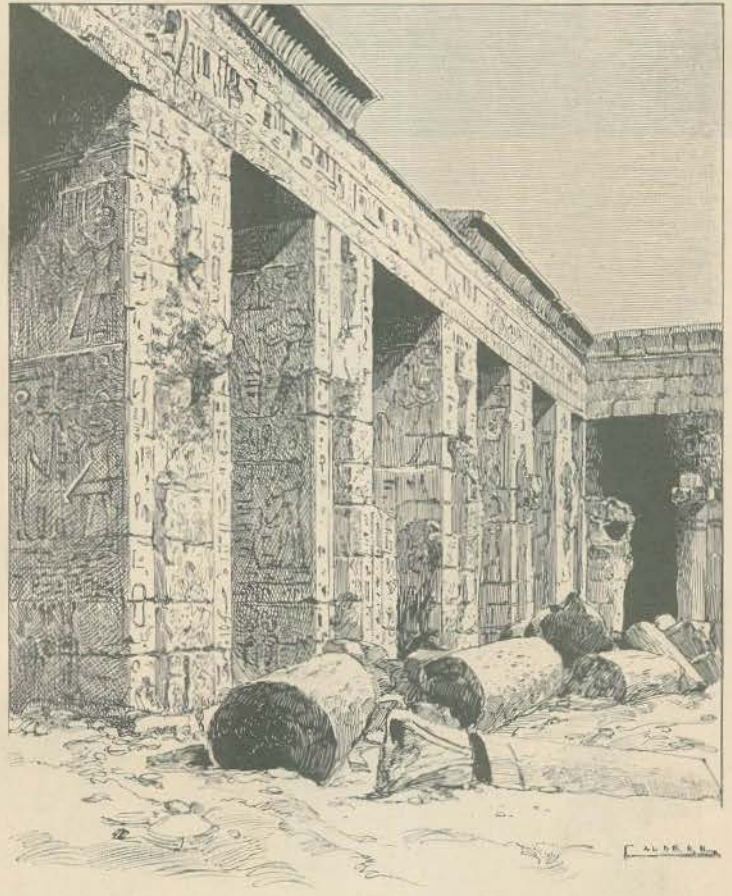
Algumas cousas ha que, para credito da America, talvez não devam dizer-se; mas succede que essas cousas são algumas vezes as mesmas que, para beneficio dos americanos, devem ter grande eco. Quando estavamos contemplando a esphinge descobrimos que tinha na maxilla uma verruga, ou qualquer excrecencia d'esse genero. Ouvimos o bater familiar de um martello, e percebemos logo o caso. Um dos nossos declarados reptis — quero dizer caçadores de reliquias — tinha marchado até lá, e tentava quebrar um "specimen" d'essa que é a mais sublime creação que a mão do homem fez. Porém, a grande imagem contemplava os mortos seculos, com a mesma serenidade de sempre, inconsciente do pequeno insecto que se movia na sua maxilla. O grande egypcio, que affrontava as imposições a os terrormos de todos os tempos, nada tem que recear dos martellos de pór progninhas de ignaros excursionistas — ladrões de estrada, como este "specimen". Não pôde conseguir o seu intento. Mandámos um sheik prendo-lo se tinha auctoridade para isso, ou, se a não tinha, avisado de que pelas leis do Egypto o crime que elle estava praticando era punido com prisão ou bastonadas. Desistiu então e retirou-se.

Não sei que impedimento houve, que não visitámos o Mar Vermelho nem andámos por sobre as areolas da Arabia. Não farei a descripção da grande mesquita de Mehemet Ali, cujas paredes interiores são todas do polido e resplandecente alabastro; não direi como os passaros fizeram seus ninhos nos globos dos grandes candelabros suspensos na mesquita, e como enchem de cantos o seu resumo, e não temem ninguém, porque a sua audacia lhes é perdoadada, os seus direitos são respeitados, e a ninguém é permitido entrometter-se com elles, ainda quando a mesquita esteja d'esse modo inundada de ser illuminada; não contarei de certo a historia trivial do mortifolho dos mamelucos, porque me tratou que esses grandes natifos fossem fructuados, e não quero conquistar qualquer sympathia á conta d'elles; não farei menção de um mameluco desacompanhado ter dado incolumidade um salto de cem pés das muralhas a baixo da cidadella, porque não penso muito n'isso — e eu proprio teria feito o mesmo; não tratarei do pogo de José, que elle abriu na rocha firme do monte da cidadella, e que ainda está como se fosse acabado de fazer, e como os baldes que elle comprou para tirar a agua (com uma funtana terminal corrente) ainda lá estão no pogo, e tambem se vão aborrecendo de estar; não exporei cousa nenhuma a respeito dos gnaucos de José, que elle edificou para arrearcar o trigo, no tempo em que os corretores

egyptios vendiam a curto prazo, sem pensarem em que não haveria trigo nenhum em toda a terra, quando lhes chegasse a voz de restituir; nada direi da muito extranha cidade de Cairo, por ser apenas uma repetição, em grande parte intensiva e exaggerada, das cidades orientaes, de que já tenho falado; não alludirei á grande varavana que todos os annos parte para Mecca, porque a não vi; nem do costume que essa gente tem de se lançar por terra, formando d'esse modo um extenso pavimento humano para ser pisado na volta pelo chefe da missão, — para assim assegurarem a sua salvação, porque tambem não os vi; não falarei do caminho de ferro, por ser igual aos outros — apenas direi que o combustivel de que se servem para a locomotiva consta de minas, que toem tres mil annos, compradas para esse fim, e que algumas vezes a gente ouve o engenheiro profa-

como, quando o sol já brando se inclinou sobre o pais mais antigo da terra, João e Mouli se reuniram em conferencia solenne na sala de fumar, e deploraram a falta do companheiro de viagem toda a santissima noite, sem que pudessem ser consolados. Não direi uma palavra nem escreverrei uma linha de qualquer d'essas cousas. Serão como um livro sellado, porque nunca vi nenhuma, mas um livro sellado é a expressão usada n'este caso, por ser popular.

Folgámos de ter visto a terra que foi mãe da civilização — que ensinou á Grecia as suas letras, a a Roma, por via da Grecia; a terra que poderia ter humanizado e civilizado os filhos de Israel, mas que lhes permitiu sahiram das suas fronteiras um pouco melhor do que selvagens. Folgámos de ter visto essa terra, que tem uma luminosa religião, com futuras e otiemas recom-



MEDINET — PALACIO DE THEBAS III

no clamar com aspreza: — Fora d'ahi com esses plebeus, não ardem cousa que valha um centesimo — atra com um rei; nada direi das aldeias das infimas classes, nem das immensas campinas do verde trigo luxuriante, que alegra a vista até onde ella pode alcançar através da suave e rica atmosphera do Egypto; não falarei da vista da Pyramide á distancia de vinte e cinco milhas, porque o quadro é muito ethereo para ser deluxado por uma pena não inspirada; não mencionarei os bandos de fuscas mulheres que se apinhavam em volta das curugens, quando paravam um momento n'uma estacção, para nos verem uma gota de agua ou uma covada e successos rómã; não falarei das turbas matizadas e dos trajes selvagens, que concentramos n'uma feira que topámos na maior concorrência n'outra barbara estacção; não direi como nos banqueteamos sobre palmas frescas, e gosámos da linda paisagem durante a fugitiva jornada; nem como rebentámos como um trovão em Alexandria, saltámos dos carros, romámos para bordo do navio, deixámos em terra um companheiro (que tinha de voltar para a Europa, e de lá para a patria), levantámos ferro, e approámos á nossa terra, finalmente, e para sempre depois da longa viagem; nem

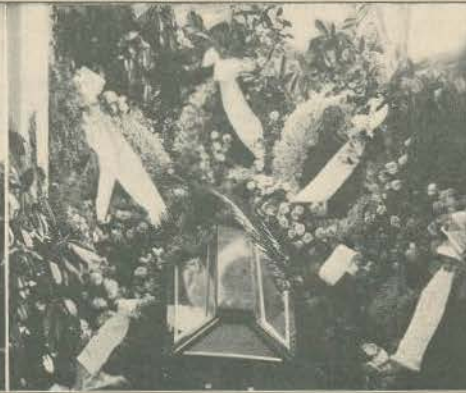
pensas e castigos, ao passo que até a religião de Israel não continha promessa nenhuma do além. Folgámos de ter visto essa terra que possuía vidros tres mil annos antes da Inglaterra os ter, e ponde pinta-los como nenhum de nós actualmente pode fazer; essa terra que soube quasi tudo o que a medicina e a cirurgia descobriram ha pouco; que teve todos esses curiosos instrumentos cirurgicos que a sciencia inventou recentemente; que possuía em elevado grau mil requintes de luxo e necessidades de uma avancada civilização, que tomos gradualmente reunido e accumulamos nos tempos modernos, pretendendo serem cousas novas do budo do sol; que teve papel muitos seculos antes de nós nam o anáthimo; pentados soltos antes das nossas mulheres pensarem n'isso; um sistema perfeito de escolas primarias muito antes de nos vangloriamos dos nossos progressos n'esse sentido, que não se lhe exerga o limite; que embalsamavam os cadavres de modo que a carne se tornava quasi immortal — o que não podemos fazer.

* Affirmaram-me que era um facto. Digo-o como o ouvi. Vou me inclinando a acreditar. Posso acreditar tudo.

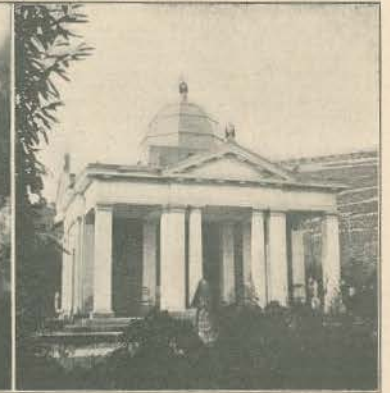
(Continúa.)



A CASA QUE KRUGER HABITAVA EM CLARENS



O CAIXÃO DE KRUGER



A MORGUE DE CLARENS ONDE FOI EXPOSTO O CORPO

O corpo de Kruger vai repousar em Pretoria no jazigo de família e ao lado de sua esposa, depois de ter estado exposto na morgue de Clarens, na pequena villa da Suíssa onde o ex-príncipe de Transvaal levava uma vida bem retirada, cheio de santidade da sua patria. O governo

britânico prohibiu o dr. Leyds, ex-secretario geral do Transvaal, de acompanhar o corpo do velho chefe de Estado até Pretoria.



SR. BERNARDINO DE SENNA FREITAS
Fallecido em 15 de julho



MAJOR ANTONIO CONTEZ DA SILVA CURADO
Fallecido em 10 de julho



GENERAL JOSÉ JOAQUIM MENDES
Fallecido em 18 de julho

CHRONICA ELEGANTE



FIGURA 1

As modas actuaes são, no que diz respeito a estylo, tudo quanto pôde haver de mais confuso e mal delinido. Vê-se que os arbitros das elegancias foram rebuscar a diversas epochas varios elementos mais ou menos apreciaveis, para os fuudir e dar os resultados que estamos vendo.

Do tempo de Luiz XIV vemos figurar as camisinhas *bonfantes*, tudo em volta da cintura que mal se precisa, as *bouffettes* de fitas, as agulhetas; de Luiz XV as amplas casacas de longas abas, os largos cambões com folhos de renda sobre as mãos; de Luiz XVI os grandes cabeções, *fichus*, os chapéus de vastas abas profusamente guarnecidos. Do 1.º Imperio apparecem

os vestidos soltos, as cintas muito curtas, os chapéus *Direcloire*, de copas altas e grandes plumas; do 1830, epocha ainda assim mais caracterizada, vemos os hombros descahidos com os grandes cabeções ou rouveiras, as *écharpes* soltas sobre os braços, as cinturas curtas atraz descahindo na frente, que nos vão conduzindo aos corpos em bico, e as grandes mangas, que tambem apparecem nas modas do 2.º Imperio; d'oste, reapparecem as saias já mais rodadas e fartas enfeitadas de folhos, fitas, laços formando variados desenhos.

Os chapéus são variados e sem caracter definido. Felizmente essa variedade, esse estado cáthico da moda presente tem a vantagem de offerecer vasto campo de escolha, e toda a gente que possuir uma pequena dose de bom gosto e souber aquilatar os seus dotes ou imperfeições physicas poderá acertar com o que melhor contribuir a aformososa-la. Será por isso que quasi todas as senhoras parecem bem; graças ao progresso sempre crescente de tudo quanto tende para a liberdade já não vemos, como ha cem annos se viam, as cabeças brancas, louras, ou negras uniformemente deformadas com os enormes chapéus de papello que pareciam umas barracas.



FIGURA 2

Hoje em dia quem tem bom cabello pôde mostral-o; os pescoccos de ganso encostam-se nos enormes collarinhos; andam á vontade sem golla, sem nada que os opprima.

Quem não tiver corpo delgado e não queira apertar-se enverga o *paillet sac*, cujo nome é por si só bastante suggestivo. Quem tem mãos feias, tapa as cuidadosamente; quem as quer mostrar elimina as luvas, ostentando ricas pedrarias nos aneis e fazendo roalçar a alvura d'ellas com as rondas preciosas dos folhos das mangas.

Liberti, liberté chérie.
Fig. 1—*Touillette* do passeio em *stanois* azul e seda branca bordada a ouro. Chapen Luiz XVI em palha setim branca com fitas e plumas.

Fig. 2—*Doillette* Luiz XV e *capeline Direcloire* para moçina de 6 a 8 annos.

Fig. 3—*Touillette* de noite em *tulle preto pailleté clair* de lãe sobre *anubí vert Nil*.



FIGURA 3